Instituto Vox de Pesquisa e Formação em Psicanálise

BORBOLETAS NO ESTÔMAGO OU APERTO NO PEITO?

O CORPO ENTRE A PAIXÃO E A ANGÚSTIA

MAÍRA MACIEL CAMPOMIZZI
mairacampomizzi@gmail.com

Resumo: O corpo, atravessado pelos afetos da paixão e da angústia, mobiliza o sujeito, respectivamente, pelas vias do engano e da verdade. Analisa-se a causação do objeto da angústia e a invenção do objeto da paixão a partir da identificação do sujeito com o desejo do Outro, constituída na montagem do fantasma. Tais afetos manifestam-se em diferentes situações clínicas, nas quais o desejo do analista opera como condutor. O corpo, concebido como lugar privilegiado dos afetos, torna-se espaço de metaforização e de ato do sujeito na ética do desejo.

Palavras-chave: Paixão, angústia, psicanálise, fantasma, corpo.

São Paulo
2025

Instituto Vox de Pesquisa e Formação em Psicanálise

BUTTERFLIES OR TIGHTNESS IN THE CHEST?

THE BODY BETWEEN PASSION AND ANGUISH

MAÍRA MACIEL CAMPOMIZZI
mairacampomizzi@gmail.com

Abstract: This article examines how the body is traversed by the affects of passion and anguish, which mobilize the subject through mistake and truth, respectively. It analyzes the causation of the object of anguish and the invention of the object of passion from the subject's identification with the desire of the Other, constituted in the construction of fantasy. These affects manifest themselves in different clinical situations, in which the analyst's desire operates as a guide. The body, conceived as a privileged site of affects, becomes a space of metaphorization and of the subject's act within the ethics of desire.

Keywords: Passion, anguish, psychoanalysis, fantasy, body.

São Paulo
2025

BORBOLETAS NO ESTÔMAGO OU APERTO NO PEITO? O corpo entre a paixão e angústia

"Na psicanálise, como na vida, nada de grande se realiza sem paixão, mas quando a paixão surge, corremos o risco de não estarmos mais no ser." (GORI, 2004)

Uma paciente me pergunta com seriedade: "como saber se é aperto no peito ou se são borboletas no estômago?" Surpresa com essa questão, logo pensei nesses afetos que afetam o corpo: paixão e angústia. As "borboletas no estômago" seriam o estado de excitação e expectativa no corpo frente a possibilidade de encontro com o ser que fascina. O aperto no peito, por sua vez, ocorreria de forma inesperada; um mal estar repentino indicando algo grave no próprio corpo para o qual não se tem palavras. Mas seria possível que a paixão, afeto do engano, se encontre com a angústia, o único afeto que não engana, no corpo?

A paixão amorosa foi e continua sendo motor de criação de um imenso campo do nosso universo cultural. É tanto objeto de investigações filosóficas, quanto tema central das diversas manifestações artísticas que acompanham cada momento histórico, em manifestações tanto eruditas, quanto populares. A paixão se encena, assim, na Outra cena do mundo, imprimindo marcas no tempo, em estilos diferentes de repetição. Ela encontra-se presente desde as diversas mitologias como força cósmica primordial. Está presente desde as tragédias gregas, como na paixão violenta de Fedra por Hipólito, passando pelos poemas de amor cortês da idade média e pelo clássico "Romeu e Julieta" da era vitoriana. No romantismo, acompanhamos os apaixonamentos sedutores obscuros e depressivos como no suicídio por amor do jovem Werther, de Goethe e nas vanguardas o amor apaixonado é força capaz de transfigurar a realidade. Ainda hoje, na contemporaneidade tecnológica, continuamos a nos emocionar por filmes, peças, livros e, sobretudo, nas músicas tocadas pela paixão.

No apaixonado não há inibição. A intensidade emotiva caracteriza esse estado que vai de um profundo êxtase e felicidade extrema até um sofrer desesperado nas tristezas, raivas e ansiedades insuportáveis. Movido por esses diferentes tons emocionais, o apaixonado vai atrás do seu amado mesmo com os sinais de alerta em seu corpo e com todas as mensagens dizendo para NÃO seguir. Ele insiste no SIM. Mas por que essa necessidade de se iludir na paixão amorosa?

Como bem diz a música “Torn” de Natalie Imbruglia, “illusion never changed into something real”. Ao mesmo tempo, deparar-se com a realidade sem o filtro da ilusão pode ser desesperador. “I´m all out of faith, this is how I feel. I´m cold and I am shamed”. (TORN, 1997) A psicanálise entende essa necessidade de ilusão como estrutural. O sujeito precisa tratar o mal estar disso que é impossível de saber que lhe constitui, e a ilusão participa desse trabalho, na medida em que produz pontos de obturação do real. Segundo Lacan haveria dois tipos de identificações imaginárias, ilusórias. A primeira delas seria produzida a partir da imagem especular - a identificação com o eu ideal. A segunda seria aquela identificação com o objeto de desejo - uma forma mais misteriosa, onde a paixão amorosa entraria em jogo. Nem todo investimento libidinal passa pela imagem especular, ocorrendo sempre um resto, algo que falta a imagem. Esse invisível na imagem produzirá esta forma de identificação ilusória apreendida no fantasma, lugar onde o desejo é inaugurado.

Seduzido pela escuridão da incerteza, o apaixonado não recua ao que não vê. Ele é causado pela surdez e cegueira em sua máxima intensidade. Será então que o apaixonado deseja se aproximar, a partir dessa cegueira e surdez do seu próprio ser, da realidade inaudita e invisível do objeto causa de desejo? Devido a impossibilidade da apreensão direta desse objeto, o sujeito recorre a montagem do fantasma, como se fosse uma uma tela que mostra, ao mesmo tempo, que dissimula o impossível de apreender. O campo do erotismo e da paixão se estabelece, então, nesse lugar da fresta na imagem, na tela da fantasia que fascina o neurótico, encantado com o que falta nessa imagem. Para manter a magia, ele vai recusar oferecer essa reserva libidinal que causa o sujeito no fantasma. A música “Lovefool” , de The Cardigans, ilustra bem essa insistência. “You love me no longer, I know/ And maybe there is nothing/ That I can do to make you do/ Mama tells me I shouldn´t bother/ That I ought to stick to another man/ A man that surely deserves me/ But I think you do/ So I cry, and I pray and I beg/ Love love me.” (LOVEFOOL, 1996)

Mas como surgiria, então, a angústia, na medida em que há tanta obstinação em guardar bem escondido isso que é tão precioso na existência do sujeito como falta a ser? Acontece que a magia encantadora engana e engana tanto, a ponto de enganar o próprio sujeito, que pode, então, se deparar com a imagem do seu duplo no espelho. Uma das formas disso ocorrer é a partir do esgotamento da demanda de amor ao Outro, na medida em que esta se faz como atualização do

fantasma. O esgotamento dessa demanda até o zero revelaria que os objetos não faltam, gerando efeito de angústia. O jogo de encobrimento/revelamento feito pelo fantasma já não se sustentaria mais, escapando a revelação do truque responsável pelo encantamento cego do apaixonado pelo quadro diante de si: o objeto da angústia na forma de duplo.

Como o analista pode conduzir os momentos de apaixonamento? No seminário 10, Lacan, complexifica a tríade freudiana de inibição, sintoma e angústia, acrescentando mais seis manifestações: impedimento, embaraço, emoção, passagem ao ato, Emoi (efusão) e acting out. Essas manifestações clínicas seriam diferentes formas de causação do sujeito pelo objeto. Teríamos, assim, o sujeito inibido ao ser causado pela retenção do objeto, o sujeito impedido pelo objeto, o sintomático em que o objeto causa o significante no corpo, o atuador em que o objeto causa o fora da cena, desfalecimento pelo objeto, até o objeto provocar o ato que tira o sujeito da cena. A paixão pelo significante da falta no Outro estaria dentro das emoções causadas pelo objeto, enquanto a angústia seria uma causação de duplo pelo objeto. Trago aqui, então, duas vinhetas que ilustram esse empuxo do objeto como paixão. O primeiro, a partir de uma mobilização significante e o segundo, a partir da saturação da demanda que deu lugar à angústia.

BORBOLETAS NO ESTÔMAGO: A DÚVIDA DE FERNANDO EM SEGUIR COM A PAIXÃO

Fernando é um neurótico obsessivo que tem uma vida dedicada ao trabalho, com o qual desenvolve uma relação sacrificial. Ele é casado com uma mulher por quem tem uma admiração, mas, por quem perdeu o desejo sexual. Ele falta bastante às sessões, mas, às vezes, se angustia e pede sessões extras. Isso ocorre quando desabrocha a paixão. O "desejo sexual perdido" retorna em outro lugar. Primeiro apaixona-se por uma amiga com quem troca mensagens e sente uma dúvida angustiante em torno de ser ou não correspondido. Ao mesmo tempo em que demonstrava um desejo intenso, sentia-se culpado em relação à esposa. Depois de algumas semanas, ele recalca essa paixão, mas, cumprindo o destino do recalcado, ela retorna mais três vezes, no semblante de três outras mulheres. Sua última paixão foi a mais intensa. Ele fica fascinado por essa mulher diferente de todas as mulheres que já conheceu. Ao mesmo tempo em que sente uma certa "toxicidade", recebe mensagens carinhosas, emojis com coração e stickers fofos. Nas sessões, oscila nessa dúvida sobre a interpretação dos emojis: seria uma mensagem só para ele ou ela faz isso de forma indiscriminada?

Fernando ilustra bem o assujeitamento ao gozo do Outro observado na neurose obsessiva. Ele se submete aos imperativos do trabalho e do casamento ditados pelo super eu, fixando-se, cada vez mais constrito nessa posição. Parece que, só algo tão absoluto e intenso quanto a paixão, tem sido capaz de ser uma abertura frente a esse Outro ditador que inibe o sujeito, colocando a possibilidade de hesitação frente às certezas do seu sacrifício ao trabalho e ao casamento. A angústia de Fernando acompanha a dúvida sobre seguir ou não a paixão e o risco de arriscar-se na incerteza de ser amado. Contudo, Lacan diz que angústia não seria a dúvida, mas sim a causa da dúvida. Assim, nesse caso, será que essa angústia referida por Fernando era mesmo angústia? Não seria mais o corpo afetado pela dúvida e pela paixão com suas "borboletas no estômago"? Essa dúvida angustiante em relação ao amor do outro expõe a dissonância ontológica do sujeito em relação à palavra, movimentando sua cadeia significante que até então vinha impedida de seguir. Essa dúvida implicada na paixão, mostraria, ainda, como o objeto não fala como age e não age como fala, apontando para o significante enquanto equívoco. Assim, a partir da curiosidade pelo equívoco dos seus próprios gestos, ele vai poder reconhecer sua parte naquilo que acontece com ele.

APERTO NO PEITO: GIULIANA E O FIM DE UMA PAIXÃO

O fim de uma paixão é um momento desorganizador em que pode vir tanto angústia como destruição. Há um perder-se desse sujeito que, por um tempo, foi apenas falta a ser para um outro que saiu de cena. Mas na análise um sujeito perdido não é sinônimo de que tudo está perdido. O manejo da paixão na análise poderá servir-se desse sujeito perdido, impulsionando para outras direções, outras errâncias, podendo ser inclusive um motor de transformações. Roland Gori percebe a emergência de estados passionais no fim de alguns tratamentos analíticos, "quando a análise é levada a certos pontos de desvelamento do objeto... Isso ocorreria pelo fato da paixão operar com uma perda que já ocorreu, mas que o apaixonado conjura ilusoriamente como algo que virá. Solução que culmina com a "criação do objeto da paixão". (GORI, 2004, p. 37) Dessa maneira, as quedas do objeto na fantasia que fazem parte do direcionamento do tratamento analítico do neurótico, poderão levar, eventualmente, a apaixonamentos nos fins de análise.

O fim da paixão de Giuliana ilustra bem a situação de saturação da demanda que causa angústia. Ela, assim como a Julieta de Shakespeare, vive um amor proibido pela família. Ela se

apaixona por Rodrigo, abandona sua família, trabalho e vai viver o seu amor. Vive muitos anos de viagens e aventuras românticas, apesar de alguns momentos de tristeza por ter feito essa escolha: ou o namorado ou a família. Ela não consegue entender porque a família não gosta de Rodrigo. Depois desses anos vivendo assim, cada vez mais juntos, sempre só os dois, fazendo tudo juntos, Giuliana volta para sua cidade natal, onde tem, então, uma crise de pânico: sente-se sufocada, não consegue dirigir, sente que vai morrer e vai ao hospital por não conseguir respirar. Nesse momento ela percebeu o quanto vinha se sentindo sufocada por Rodrigo, que lhe demandava tanto, a ponto de não ter nenhum espaço próprio. Parece que houve uma saturação dessa paixão. Giuliana, ao se desprender de tudo o que tinha, ao abandonar todas as suas referências próprias em nome da sua paixão, esvazia tanto o seu ser, de modo a dar lugar para que lá apareça o seu lugar como puro objeto. Esse limite de dessubjetivação, colocaria em evidência o seu lugar de objeto na fantasia, onde ela pode perceber seu duplo, como lugar fixado de objeto do desejo do Outro no fantasma.

No duplo, o sujeito vai se angustiar com o horror da imagem especular, nesse mesmo lugar em que, antes, ele se encantava pela magia. “Nesse ponto, Heim, não se manifesta simplesmente aquilo que vocês sempre souberam: que o desejo se revela como desejo do Outro — aqui, desejo no Outro —, mas também que meu desejo, diria eu, entra na toca em que é esperado desde a eternidade, sob a forma do objeto que sou, na medida em que ele me exila de minha subjetividade, resolvendo por si todos os significantes a que ela está ligada.” (LACAN, 1962, p. 59) É um momento difícil, uma vez que o sujeito se perde, a falta falta e ele fica desorientado pela falta de significantes que o representam. Mas ao mesmo tempo é um momento crucial para o sujeito do desejo uma vez que, segundo Lacan, o sujeito só tem acesso a seu desejo substituindo um de seus próprios duplos.

Observamos ainda em Giuliana essa insistência da paixão se voltar para o proibido pela família, o obscuro e perigoso. E, de fato, ocorre que essa identificação com o objeto do desejo na fantasia, opera justamente com esse investimento libidinal que falta na imagem, na fresta da imagem “perfeita”. Roland Gori constata, assim, que o apaixonado se dedica a uma autêntica paixão pela ruína e pelo desastre. “Ocorre-lhe despojar-se de todos os seus bens para que advenha o ser, que aparece na perda dos bens o desconhecido de sua falta a ser sobre a qual deposita o nome da amada.” (GORI 2004, p. 32)

“Meu único amor nascido do meu único ódio! Cedo demais o vi, sem conhecê-lo, e tarde demais o conheci! Prodigioso é para mim o nascimento do amor, para que deva amar meu inimigo detestado!” (SHAKESPEARE, 1594, p 38)

Em Romeu e Julieta também assistimos à tragédia dos amantes que se abstém de tudo como sacrifício da sua falta a ser ao amado. O sacrifício vai desde a renegação do nome, passando pelo banimento da cidade até a fatalidade da morte. Os atos dramáticos colocam em cena uma série de enganos que tentam escamotear a verdadeira causa dessa paixão fatal: o ódio das famílias. O fim trágico é causado, justamente, pela escolha reiterada em esconder, fingir, denegando tanto o ódio, quanto a própria origem dos amantes atravessada por esse ódio. Em torno do engano central na paixão dos amantes, girariam os outros enganos que observamos ao deparar com os erros de cálculos dos personagens. O espectador acompanha a série de enganos, abismado, sem conseguir acreditar no poder mortífero desses eventos triviais, facilmente evitáveis. O padre não consegue entregar a carta a tempo, o amigo ansioso de Romeu lhe comunica bem intencionado sobre a falsa morte de Julieta, Romeu se engana sobre a morte da Julieta e se mata. E, por último, acompanhamos a morte desesperada da jovem Julieta que se sacrifica junto com o corpo do amado.

Por que o engano da paixão leva muitas vezes a fins tão trágicos? Por que Giuliana se angustiou depois de ter vivido uma paixão proibida enquanto Julieta precisou sacrificar seu corpo? Uma hipótese é que em Romeu e Julieta, foram tantos enganos, que o sujeito se afastou de forma violenta da verdade, não conseguindo então se redirecionar. Além disso, não é irrelevante o fato de existir um afeto destrutivo como o ódio das famílias operando na causa da paixão. Segundo Roland Gori, o fim da paixão geralmente revelaria a própria causa desta mesma paixão. Nesse caso, o que estava na causa foi mostrado a posteriori, revelando a fatalidade do ódio. Felizmente, a clínica contemporânea tem se mostrado diferente da ficção do século XVI. Encontramos muito mais Giulianas e Fernandos do que Romeus e Julietas, mesmo que estes últimos ainda existam.

CONCLUSÃO - Borboletas no estômago ou aperto no peito?

No corpo operaria, então, uma espécie de circuito envolvendo afetos na causação do sujeito de desejo. Mas como se orientar nesse lugar de coabitação de engano e verdade, quando a

excitação diante do sonho de completude se encontra com o abismo da falta da falta? Mais ainda, o corpo afetado por borboleta no estômago seria o mesmo corpo com aperto no peito? Parece haver uma diferença uma vez que o primeiro caso trata-se do afeto que projeta a realização ou não de uma fantasia, enquanto no segundo há uma pura afetação totalmente desconhecida que perturba o corpo. Nessa diferença, se destaca a anterioridade do objeto da angústia, enquanto esse impossível de ser reconhecido que causa horror no corpo. Em contraponto, na paixão há uma fantasia projetada adiante, afetando o corpo por essa falta de consistência característica dos sonhos.

> "Esse resto, esse resíduo não imaginado de corpo, que por um desvio que sabemos designar, vem manifestar-se no lugar previsto para a falta, e de um modo, por não ser especular, torna-se impossível de situar. Com efeito, uma das dimensões da angústia é a falta de referenciais." (LACAN, 1962, p. 71)

Há um resíduo não imaginado do corpo que causa afetos. Esse resto pode causar cegueira, paralisias, taquicardia, não cansando de criar uma historiografia desse corpo onde podem habitar fadas e borboletas. Mesmo assim, algo continua restando. Os corpos afetados por apertos no peito e borboletas seriam, assim, corpos diferentes, com distintas formas de enlaçar os três registros que lhe constituem. Nas borboletas, o corpo opera a criação de metáforas corporais, na intenção de ser totalmente o outro, como percebemos nesses versos. "Você estava nas minhas entranhas. Mesmo que seu ser fosse volátil, ele ainda estava presente em cada gota do meu sangue." O aperto no peito, por seu lado, pode implicar uma mudança de posição subjetiva. Assim, quer seja pela via da verdade ou do engano, o corpo afeta e é afetado nas movimentações subjetivas. Essas transformações poderiam vir, tanto, pela via da metaforização no corpo e a partir do corpo, quanto pela via desse puro resto de corpo que afeta o sujeito no seu ato de desejo. A questão que fica para o analista é como tocar, na transferência, o corpo dos sujeitos tanto inibidos ou impedidos de se afetar, quanto daqueles tomados por inteiro por inteiro pelo afeto, para que eles possam ser afetados para seguir no caminho ético do desejo. Esses toques no corpo não são desprovidos de risco. Compreender esse circuito afetivo que passa pelo corpo é um passo a ser feito nessa via de tocar esses corpos para que GESTAPO possam ser reviradas em GEST AO PEAU.

Finalizo com resíduos de corpo da escritora Annie Ernaux. Mesmo ciente do seu engano, ela vive esse estado de arrebatamento no corpo que lhe permite ter uma outra medida do tempo. "Passei a medir o tempo de outra forma, com todo o meu corpo."

> “Perguntar se ele “mereceu” ou não isso tudo não faz nenhum sentido. E constatar que essa história começa a ser para mim tão estranha quanto se tivesse acontecido na vida de outra mulher não altera em nada o fato de que, graças a ele, eu me aproximei do limite que me separa do outro, a ponto de, às vezes, imaginar que iria chegar do outro lado.
>
> Descobri do que podemos ser capazes, ou seja, de tudo: desejos sublimes e mortais, falta de dignidade, crendices e condutas que eu julgava insensatas nos outros uma vez que eu própria não as havia experimentado. Sem saber, ele estreitou minha conexão com o mundo.” (ERNAUX, 2023, p 60)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ERNAUX, Annie. *Paixão Simples*; tradução Marilia Garcia.1 ed. São Paulo: Fósforo, 2023.

GORI, Roland. *Lógica das Paixões*: Inesita Barcellos Machado; revisão: Sandra Regina Felgueiras. — Rio de Janeiro: Campo Matêmico, 2004.

LACAN, Jacques, 1901-1981. *O Seminário, livro 10: A Angústia,* 1962-1963; texto estabelecido por Jacques-Alain Miller; versão final Angelina Harari e preparação de texto André Telles; tradução Vera Ribeiro. - 1 ed. - Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

SHAKESPEARE, William, 1564-1616. *Tragédias: Romeu e Julieta; Macabeth, Hamlet; Otelo;* Traduções de F. Carlos de Almeida Cunha Medeiros e Oscar Mendes; sínteses, dados históricos e notas de F. Carlos de Almeida Cunha Medeiros. — São Paulo: Abril Cultural, 1987.

LOVEFOOL. Escrita por: Nina Persson e Peter Svensson. In: FIRST BAND ON THE MOON. Intérprete: The Cardigans. Universal Music, 1996. Disponível em: https://open.spotify.com

TORN. Compositores: Anne Prove, Phil Thornalley, Scott Cutler In: LEFT OF THE MIDDLE. Intérprete: Natalie Imbruglia, RCA Records Label, 1997. Disponível em: https://open.spotify.com